



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

Às Prof. Doutoras Alda Correia e Margarida Esperança Pina (NOVA FCSH)

O inesperado e dramático surto pandémico, à escala global, do vírus comumente conhecido e designado por COVID 19 veio colocar no topo das agendas políticas mundiais questões de saúde pública, envolvendo e mobilizando investigadores, médicos, farmacêuticos, enfermeiros e as respectivas ordens, analistas e auxiliares de acção médica, enfermagem e higiene, governos, direcções gerais, administrações regionais, laboratórios, a OMS, a EMA..., bem como a implementação de normas e a (re)criação de infraestruturas administrativas, assistenciais e sanitárias. A complexidade de todo este processo implicou, como se sabe, a tomada, não raro hesitante e descontínua, de decisões difíceis e controversas (manifestações políticas, sindicais, religiosas, desportivas e, numa palavra, culturais, ditas ‘de massas’), bem como de medidas ‘contra-natura’ e mesmo aparentemente ‘deshumanas’ (proibições ou restrições de visitas a idosos, participações em velórios e funerais, celebração social e familiar de momentos festivos, seculares ou não, etc.).

Todos estes condicionalismos e circunstâncias justificam, a nosso ver, uma breve reflexão sobre as características e exigências de um human(itar)ismo contemporâneo, capaz de aliar as ciências médicas e auxiliares (cujo objectivo primeiro e último é, recorde-se, a erradicação ou minoração das doenças e dos sofrimentos físicos e mentais delas decorrentes ou a elas associados) às ciências sociais e humanas, incluindo a literatura, cuja ‘utilidade prática’, apesar do seu potencial como promotora de valores e comportamentos éticos exemplares, é ainda por vezes questionada. Como nota Maria Laura Bettencourt Pires,



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

"(...) para as Ciências Humanas progredirem, os humanistas devem aceitar as contribuições (...) das neurociências, que demonstram que a separação cartesiana entre o espírito e o corpo não se pode manter e que enfatiza o papel das emoções. Impõe-se, pois, substituir a cisão entre as Ciências e as Humanidades por uma abordagem interdisciplinar (...) integrada no estudo da cultura."(Pires, p. 19)

A existência, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de um curso livre em "Literatura e Medicina"

(https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2020&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=FL&pv_curso_id=19662), oferecido pelo Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos entre Outubro e Dezembro de 2020, constitui um significativo passo real e simbólico na construção e consagração académico-curriculares de paradigmas de colaboração Interdialogante das "duas culturas", não esquecendo o projecto de investigação em "Humanidades Médicas", sediado no Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL/ULICES). Paralelamente, uma notícia difundida pela SIC Notícias, em 13 de Abril de 2021, divulgava a seguinte informação:

"Curso de Medicina da Universidade do Porto vai oferecer cadeira de poesia.

O objectivo é " levar os estudantes a explorar o lado humanista e melhorar a relação com os doentes.

A partir de Setembro, a cadeira de Introdução à Poesia vai fazer parte do plano de estudos do mestrado integrado de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), na Universidade do Porto.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Será uma disciplina opcional, que servirá para expandir o conhecimento dos estudantes porque, como dizia o próprio Abel Salazar, "o médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe".

A cadeira vai ser leccionada por João Luís Barreto Guimarães, médico cirurgião e poeta. A poesia pretende ser uma ferramenta para destacar consciências e acrescentar a dimensão da empatia e da compaixão nos novos médicos. (...)

Com a ajuda da poesia, os estudantes de medicina vão ser convidados a explorar o lado humanista para que, concluída a formação, consigam ouvir, mas sobretudo escutar.

A cadeira de Introdução à Poesia, com 30 vagas, destina-se aos alunos do primeiro semestre do segundo ano do curso de Medicina."

Como se compreenderá, todas estas questões ganham uma dimensão e um potencial acrescidos quando envolvem personalidades que foram simultaneamente escritores e médicos; é o caso de Júlio Dinis, pseudónimo literário de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871), cujas ligações familiares a Ovar,¹ cidade na qual se situa a sua Casa-Museu, justificam uma alusão meteórica ao rigoroso cerco sanitário de 2020. No plano pessoal, devemos a Júlio Dinis, ao qual dedicámos já alguns ensaios, a predisposição adolescente, na 1ª metade da década de 1970, para uma formação em Letras. Não surpreenderá, portanto, a presença dispersa de conhecimentos médicos na obra narrativa de Dinis,² justificando uma investigação

¹ "Seu pai, natural de Ovar, era médico-cirurgião pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. (...) Seus pais, por sua vez, (...) ambos naturais de Ovar, ali conservaram família e ali (...) sempre se mantiveram arreigados. Disso dará testemunho o próprio escritor, que mais tarde voltará ao berço paterno, quanto mais não seja para aí ganhar (...) as poucas forças que a saúde debilitada lhe consente, (...) pois é em Ovar que a sua vocação literária, finalmente ganha fôlego." (Simões, p. 12)

² A informação constante da contracapa da biografia assinada por Liberto Cruz reproduz esta relação simbiótica, ao notar: "Formado em Medicina, [Júlio Dinis] foi um médico escrupuloso das almas de diversas personagens romanescas e o cirurgião arguto dos males de natureza política, religiosa e social dos seus contemporâneos." (Cruz, Liberto, n. p.)



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

específica e sistemática que retome e expanda os apontamentos semeados há muito por Egas Moniz³ e Irwin Stern.⁴

Por sugestão de Ana Rita Soveral Padeira (Universidade Aberta), a quem agradecemos, veja-se a carta de Dinis ao redactor do *Jornal do Porto*, intitulada "A ciência a dar razão aos poetas"(Dinis, "Ciência", pp. 157-175), escrita em 1864, mas apenas publicada em Dezembro de 1879. Nela pode ler-se:

"(...) a nossa época é, por mais que façam, uma época de reconciliação e tolerância. Os homens de ciência e os poetas dão-se finalmente as mãos e fazem concessões mútuas.

Nunca se viram tão amigos e reciprocamente lisonjeiros.

Os poetas celebram em verso teorias que dantes apenas conseguiam ser prosaicamente expostas nas páginas (...) dos livros eruditos."(*Ibidem*, p. 166)

E, logo adiante, "Um professor agregado da universidade de medicina de Paris, [sic] não pôs dúvida nenhuma em tomar para epígrafe de um livro de filosofia médica, [sic] uma quadra de Gérard de Nerval!"(*Ibidem*, p. 167)

³ Cf. o capítulo intitulado "O Médico nos seus romances"(Moniz, pp. 199-224). Na "Advertência", datada de "Avanca, 1946", o nosso Nobel da Medicina atesta "(...) a veneração por um escritor português que ainda hoje, no declinar da vida, me fala ao coração."(*Ibidem*, n. p.)

⁴ "Os seus estudos não só o levaram ao contacto com os progressos científicos do século, incluindo as teorias médicas de Claude Bernard [1813-1878] e as ideias de Darwin [1809-1882] sobre a evolução, mas também com os pensamentos sociais e políticos (...) da época (...)"(Stern, p. 47; cf. *ibidem*, p. 67 e p. 228). Jacinto do Prado Coelho evoca, aliás, a seguinte citação de Claude Bernard por Júlio Dinis: "A ciência não contradiz os dados da arte e não se pode admitir que o positivismo científico venha a matar a inspiração (...) Segundo a minha opinião, é o contrário que (...) acontecerá. O artista achará na ciência bases mais estáveis, e o sábio procurará na arte uma intenção mais segura."(Coelho, p. 128)



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

Tendo em vista os objectivos professados no título, comecemos por abordar *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867).⁵ Além da existência de dois clínicos --- João Semana, o octogenário médico da aldeia, e Daniel das Dornas, de 23 anos, recém-diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto ---, *PSR* inclui um cirurgião-barbeiro (pp. 79-80); alude a dúvidas e crenças populares no tocante à saúde;⁶ e, através dos diálogos entre José das Dornas, pai de Daniel, e João da Esquina (pp. 61-65) e Daniel e o mesmo João da Esquina (pp. 119-125), reflecte as querelas, dúvidas e ansiedades transformistas, evolucionistas e globalmente progressistas do século XIX.⁷ O narrador evoca, neste contexto, a figura de Jean Baptiste Monet (1744-1829), mais conhecido por Lamarck:

⁵ Data da publicação em volume, visto que o romance começou por ser publicado, como folhetim, no *Jornal do Porto*, ainda em 1866.

⁶ "Um perguntava a Daniel se a grama era mais fresca, do que a cevada; outro qual a razão por que os pimentos de conserva nunca lhe faziam mal, enquanto a salada de alface lhe causava uma irritação de estômago infalível; vinha outro que desejava saber se seria melhor purgar-se no quarto crescente, se no minguante da lua; queixava-se um de uns arrepios, que sentia ao deitar-se (...), e principalmente no inverno; outro do muito que suava no verão; um velho criado da casa, viúvo inconsolável, fez-lhe a história circunstanciada da doença, de que morrera a mulher, havia dez anos, pedindo a Daniel que a diagnosticasse, e lhe expusesse o tratamento que a devia ter salvo; em contraste com esta medicina retrospectiva, vinha uma rapariga perguntar (...) se lhe poderia fazer mal o ir a uma romaria daí a oito dias; José das Dornas também quis saber se o caldo de abóbora era melhor para a saúde, do que o de nabos. Uma velha interrogou Daniel sobre a doença das galinhas, e o próprio Pedro, tentado por este exemplo, fez algumas perguntas sobre a dos perdigueiros.

Daniel via-se em talas para satisfazer a tantas exigências, que não timbravam de racionais, e procurava deslindar-se airosamente delas, com aquele desculpável grau de charlatanismo, mais ou menos correcto e disfarçado, que todas as sociedades do mundo, rústicas e urbanas, são as primeiras a exigir aos médicos. Querem elas que se lhes responda sempre, e com desafogada segurança, às suas interrogações absurdas, preferindo serem iludidas a ficarem sem resposta, a qual muitas vezes, em consciência, medicina alguma do mundo lhes poderia dar." (p. 81)

⁷ A propósito deste último diálogo, cabe aqui sublinhar um aspecto relativamente ignorado pela crítica dinisiana (mas veja-se Marchon, pp. 291-294): o sentido do cómico de situação, aqui presente no episódio da prescrição de arsénico a João da Esquina e nas subsequentes discussões conjugais com Teresa.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

"Para os leitores, alheios a certas noções de ciência (...) devo (...) acrescentar (...), à maneira de nota elucidativa, que (...) as proposições (...) tinham seus fundamentos em várias opiniões e teorias filosóficas, mais ou menos à moda.

Daniel, com o amor do extravagante, natural a quem deixa aos vinte anos os bancos das escolas, afeiçoara-se àquelas proposições (...) mais paradoxais, não hesitando em levar às últimas consequências os princípios sistemáticos de algumas escolas e seitas."(pp. 64-65)

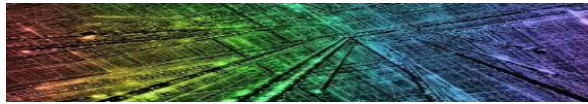
Contrariamente ao que poderia (pres)supor-se, as diferentes idades e formações científicas de João Semana e Daniel das Dornas não correspondem tanto a qualquer oposição entre conhecimentos caducos e ciência de ponta, quanto a uma outra, não menos estrutural: a da teoria vs. a prática:

"A conversa de João Semana com Daniel, não entendida, e por isso admirada pelos circunstantes, versou sobre medicina. As exaltadas crenças teóricas de Daniel, e a casuística inflexível e fria do velho prático acharam-se em conflito.

João Semana era céptico em relação à ciência moderna. Quando Daniel lhe citava um autor em voga, ou se referia a uma descoberta notável, ou a um medicamento novo, João Semana encolhia os ombros, sorrindo.

--- Tudo isso é muito bonito --- dizia ele, com poucas contemplações para com a impaciência do seu jovem colega --- mas não me serve para nada. Era o que me faltava se eu, que mal tenho tempo para dormir, me punha agora a ler essas coisas todas. Que nomes! que moléstias que eu nunca vi em sessenta anos de prática! Sabe você, Daniel? --- eu penso que lá por fora, nessas terras grandes, há fábricas de moléstias novas, que felizmente por lá se gastam também; cá à aldeia não chegam: é o que lhe sei dizer. Você para cá virá, você para cá virá. --- Há-de ver que na prática a coisa reduz-se a muito pouco; mais gástricas e menos gástricas e disse.

Daniel falou em mil assuntos: nos aperfeiçoamentos da análise médica, no microscópio, na electricidade, na química, na anatomia patológica, com um ardor de proselitismo, próprio da idade; chegou a



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

persuadir-se que a sua eloquência conseguiria, enfim, vencer o indiferentismo teórico do clínico.

Recebeu, portanto, uma impressão desagradável, quando, ao terminar um bem elaborado período em honra da ciência moderna, obteve em resposta a frase do costume:

--- Isso tudo é muito bonito, mas você para cá virá, você para cá virá, e então falaremos.

Nesta parte tornava-se, pois, impossível a conciliação. Era o antagonismo permanente entre a teoria e a prática, revelado em uma das suas complicadíssimas manifestações."(pp. 78-79)⁸

Coincidência ou não, no espaço do romance, Daniel dará apenas duas consultas 'ao domicílio' e ambas em substituição do seu veterano colega: a já mencionada a um João da Esquina muito pouco crente na formação, preparação e competência do jovem clínico,⁹ e outra a Álvaro, o velho preceptor de Clara e Margarida; a terceira visita resume-se praticamente à constatação da inevitabilidade, proximidade e ocorrência do óbito, anunciado na deslocação anterior.¹⁰

As interpretações ou justificações para tão escassa actividade profissional serão sempre um exercício subjectivo, mas não restam dúvidas de que o romântico e

⁸ Sobre João Semana, imortalizado numa célebre aguarela (1904) de Roque Gameiro (1864-1935), cf. Stern, p. 149 e p. 156, e Moniz, pp. 449-467.

⁹ "Assim que o lavrador [José das Dornas] voltou costas, João da Esquina murmurou com os seus botões:

--- Nada, para mim não serve o doutor. Se ele diz que não há doenças, que há-de cá vir fazer? (...) pode pôr-me em dieta de vidro moído e cebola albarrã (...) e mandar-me correr a quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João Semana, que é homem sério, e não tem destas esquisitices da moda."(p. 65)

¹⁰ "O doente era o velho (...) prostrado por uma caquexia, infalivelmente mortal."(p. 115) e "Com os olhos no rosto cadavérico do enfermo, comprimindo-lhe ainda o pulso abatido e descarnado, (...) em vez do médico impassível e atento, que devera ser, já não era senão o estudante de vinte anos, com toda a sua ardente imaginação."(p. 116)



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

galanteador Daniel surge, ao longo de praticamente toda a obra, como uma personagem imatura, impulsiva, irreflectida e volúvel, se bem que capaz de auto-análise e contrição,¹¹ sobretudo a partir desses momentos epifânicos que constituem as abnegadas acções de Margarida e as admoestações incisivas do reitor; nessa medida, Daniel é objecto de uma quase generalizada reprovação social, profissional e até moral por parte da comunidade aldeã, bem patente no episódio da desfolhada (pp. 171-172). Em contrapartida, o octogenário João Semana, um homem simples e caloroso, amante dos prazeres da mesa, sempre com um gracejo na boca e ainda pleno de vitalidade e energia, constitui um melhor exemplo de disponibilidade, proximidade, caridade e compaixão, como o comprova o relato das suas consultas ambulatoriais (pp. 93-108) e transparece da própria apresentação narrativa:

"(...) João Semana, o velho cirurgião, (...) homem rude, franco, jovial (...) apertou expansivamente a mão de Daniel, pondo em exercício uns músculos de oitenta anos, que fariam a vergonha dos dos nossos rapazes de vinte.

Apesar dos seus muitos anos, tinha ainda João Semana hábitos de actividade, a que não sabia fugir.

Erguia-se com estrelas, almoçava com luz e montava a cavalo, para começar o giro clínico, que lhe tomava o dia quase todo; (...)

¹¹ Maria Lúcia Lepecki aponta, no seu estudo, a bondade intrínseca (e mesmo a "excepcionalidade") de larga parte das personagens dinisianas (p. 29), acrescentando: "(...) no plano moral, psicológico ou político-ideológico--- e excepção feita dos jovens primos do Cruzeiro (...) --- não há em Júlio Dinis figuras definitivamente más. Qualquer personagem, ainda de dominância negativa, possui sempre aspecto positivo susceptível de lhe propiciar a ultrapassagem de si mesma e a entrada no espaço do bem. (...) De uma maneira ou de outra, as personagens de Júlio Dinis estão sempre abertas ao bem --- e este traço permite falar de um visceral optimismo estruturador (...) em toda a ficção dinisiana. Ela escreve, substancialmente, uma funda confiança na capacidade de (auto-)regeneração do homem." (*Ibidem*, pp. 64-65). O rastreio, em Júlio Dinis, de eventuais influências iluministas e românticas como as da perfectibilidade humana e de um rousseauísmo terapêutico permanece por fazer.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Dava-se nele uma necessidade de movimento e de agitação, à qual em vão fora resistir. Quem o quisesse ver morto, era condená-lo à inacção, privá-lo daqueles sóis ardentíssimos e chuvas excessivas, a que, havia mais de meio século, andava sujeito.

Viam-o [sic] sempre alegre (...)

Era perdido por anedotas, das quais podia dizer-se um repositório vivo. (...)

Esta bossa anedótica é sempre de grande valor para o facultativo que aspira à vida clínica. Uma história contada a tempo, e com graça, vale bem três récipes, pelo menos.

Cirurgião dos pobres, por encargo oficial, era-o João Semana também, e sê-lo-ia sempre, por impulsos do coração, que lhe não deixava presenciar um infortúnio qualquer, sem simpatizar com o que o sofria, e sem empregar os meios para o aliviar.

Muitas vezes, na mão, que estendia ao pulso dos seus doentes, ia escondida a esmola, que manifestamente se envergonhava de dar, por aquela repugnância a ostentações de todo o género, que constituía um dos distintivos do seu carácter."(pp. 77-78)

Após tão eloquente exemplo de 'humanidade médica', reiterada por Egas Moniz no capítulo dedicado justamente a João Semana,¹² bem como num breve artigo de Jorge Cruz na Acta Médica Portuguesa,¹³ examinemos agora Uma Família Inglesa

¹² "Júlio Dinis, que copiou sempre do natural, nunca levou tão longe a perfeição de escritor realista como na descrição desse bondoso cirurgião, cujo nome perpetuou como símbolo do médico de aldeia. Nada teve que alterar; mas nem por isso são menos belas as páginas imorredoiras em que a figura do velho cirurgião perpassa, ora contando anedotas, ora troçando das inovações médicas para que não encontrava aplicação na sua prática clínica, ora elevando a sua arte às alturas de uma religião, sacrificando-se pelos doentes, dando aos pobres o que lhe pagavam os abastados e tendo para todos aquelas palavras de conforto que só os bons sabem dispensar aos desalentados da vida."(Moniz, p. 449)

¹³ "(...) a personagem João Semana, uma das mais conhecidas e apreciadas de toda a obra do escritor, não representa um ideal utópico e irrealista, mas foi concebida a partir de clínicos reais inteiramente dedicados ao serviço dos doentes. Numa época em que o tratamento da maioria das enfermidades era muito elementar e pouco eficaz, era ainda mais pertinente o aforismo dos médicos franceses Bérard e Gubler, 'curar por vezes, aliviar muitas vezes,



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

(1868).¹⁴ O enredo decorre nesse mesmo Porto que havia acolhido Daniel, tendo em vista evitar que Coimbra potenciase a natureza, já de si, precocemente namorada de do jovem...¹⁵ Salvaguardadas as devidas diferenças entre Daniel das Dornas e Carlos Whitestone, também este levará uma vida de ociosidade e diversão até se apaixonar por Cecília e se render e converter progressivamente aos prazeres e encantos da vida doméstica, consubstanciados nos serões da família Quintino.

O passo em apreço preenche todo o cap. XXVII (pp. 372-379), significativamente intitulado de "O motivo mais forte". A convalescença e a reabilitação plena de Manuel Quintino é um motivo natural de alegria e celebração¹⁶ e Carlos prepara-se para sair de casa, quando é confrontado com um ataque ou episódio demencial de Kate, a velha ama do pai:

consolar sempre'. João Semana reúne as virtudes da generosidade, altruísmo, beneficência e sentido de humor, essenciais na relação médico-doente ao longo da história da humanidade. Tal atitude contrasta com a de alguns clínicos, denunciada em outros clássicos da literatura, de paternalismo arrogante, avidez pelos bens materiais, competição feroz ou ambição desmesurada pelo poder e influência, que tem levado alguns profissionais a sacrificarem a nobre vocação médica no altar da fama, do lucro ou do poder."(Cruz, Jorge, p. 149)

¹⁴ Data da publicação em volume, visto que o romance começou por ser publicado, como folhetim, ainda em 1867, sob o título de Uma Família de Ingleses.

¹⁵ Cf. o seguinte diálogo entre José das Dornas e o Pe. António:

"--- Então quer dizer que o mande para Coimbra?

--- Para Coimbra?... Eu sei?... Homem, a falar a verdade, semente desta em Coimbra é para dar uns frutos por aí além. Para o Porto, onde ele possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vai muito melhor. Põe-mo a cirurgião. Eles, hoje, dizem que saem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. O nosso João Semana está velho, e morrendo ele, não temos por aqui mais ninguém. (...) Impõe-me o rapaz daqui para fora, se queres fazer dele alguma coisa de jeito."(p. 29)

¹⁶ "Na véspera [Carlos] havia (...) prometido (...) a Cecília, o que maior força dava ainda à promessa, que não faltaria à festa, disfarçadamente planeada por ela, para celebrar o restabelecimento do velho."(pp. 372-373)



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

"Ia já a transpor o limiar da porta, quando um súbito rumor de vozes, de passos apressados e gritos agudos, como arrancados por a mais dolorosa tortura, o fizeram parar,
(...)

Redobrou porém a violência dos gritos e tanta e tão crescente angústia exprimiam que o génio de Carlos não lhe permitiu mais tempo ouvi-los impassível; obedecendo a generoso impulso, subiu apressado as escadas e entrou naquele (...) quarto (...) "(p. 374)

O narrador dinisiano consegue transmitir, com sensibilidade e realismo extremos, as desconexões e intermitências, mentais e verbais, da velha Kate, que crê emocionadamente (re)ver na figura de Carlos a do jovem Richard (Dick) que havia ajudado a criar... Perante este quadro, Carlos abdicará da visita aos Quintino em prol do acompanhamento de Kate nos seus momentos finais de agonia e morte:

"Carlos sentiu que as [mãos] dela começavam a arrefecer, dessa frialdade de gelo, que excita em nós uma repulsão instintiva. Pela primeira vez lhe acudiu a ideia de que podia ser aquela a última noite da pobre mulher.

(...)

Deram nove e dez horas e Carlos não saíra de junto da velha criada, que, segura às mãos dele, estremeceu ao menor movimento (...) como receando ser abandonada (...). Era tal o terror que mostrava de ficar só, que tirou o ânimo a Carlos de tentar sequer deixá-la.

Assim, as horas, que ele contava passar na companhia de Cecília, iam-lhe correndo junto desta desgraçada octogenária, que com discursos incoerentes, de mistura com risos (...) igualmente expressivos de desvario, o conservou ali.

(...)

Carlos, poisando-lhe a mão no pulso, mal o pôde já perceber... Tentou sair, para chamar alguém que ministrasse os socorros precisos, mas a contracção com que a velha o segurou, o estremeamento que lhe correu pelo corpo, ao sentir a tentativa de Carlos, obrigaram-no a desistir.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

**MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

--- E para quê? --- pensava ele --- ninguém já arrebatará esta presa à morte. Pelo menos que seja tranquilo o passamento. Deixá-la morrer em paz.

E ficou, ficou ele só, único espectador daquela cena lúgubre, daquele espectáculo pouco talhado para a sua juventude, para a sua índole e para os vestidos de gala, com que, para bem outros fins, esmeradamente se preparara.

(...)

Dava meia-noite, quando uma respiração mais ampla, após um profundo repouso, fechou o círculo daquela longa existência."(pp. 377-378)¹⁷

Acrescente-se, a propósito, que esta atitude de Carlos tem ainda o condão de pôr termo ao duplo desagrado paterno, causado pela penhora do relógio oferecido para assinalar os vinte anos do filho e agravado pela indisponibilidade deste para acompanhar o pai e a irmã na visita de cortesia aos Smithfield.

"Foi assim que Carlos faltou à promessa que tinha feito a Cecília, falta que horas antes pensava e dizia não haver motivo tão forte que o levasse a cometer.

Resistiu de facto aos ressentimentos do pai, resistiu --- e mais custoso lhe foi --- às lágrimas da irmã; mas não teve ânimo para resistir à compaixão por uma pobre mulher, velha, demente e moribunda.

Ficou, para lhe fechar os olhos.

Era assim o carácter de Carlos."(p. 379).¹⁸

¹⁷ Cabe aqui notar, de passagem, que a morte constitui um tema frequente nos romances de Júlio Dinis: além dos casos, já citados, de Kate e Álvaro, cf., por exemplo, Ermelinda e Vicente (*A Morgadinha dos Canaviais*) e Berta (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*), instaurando como temas cognatos a viuvez e a orfandade.

¹⁸ A interpretação deste gesto por Egas Moniz é consentânea com a sua leitura de Carlos como uma projecção ficcional do jovem médico, ao escrever: "Em nosso entender, não foi apenas a bondade natural do seu carácter que o determinou a ficar. Carlos ficou sobretudo no cumprimento dum dever. É que Carlos é Júlio Dinis e este, descrevendo-se, não afastou de si a qualidade de (...) médico novo, saído talvez nesse mesmo ano da Escola.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

Tendo em conta estes dois exemplos, entre outros ética e moralmente nobres¹⁹ ficcionalizados por 'um médico nascido romancista',²⁰ dir-se-ia que, passados cento e cinquenta anos sobre a sua morte prematura (1871), o Dr. Gomes Coelho continua, através do seu pseudónimo literário, a dar-nos lições sobre essa humanidade efectiva e afectiva que os tempos actuais tornam tão mais urgente: uma humanidade solidária e compassiva, de entrega e amor ao próximo, com tudo o que implica de capacidade de sacrifício e de reavaliação, revalorização e reordenação das necessidades e prioridades correntes.

Repugnava inconscientemente à sua dignidade profissional, presa estruturalmente à sua personalidade, que Carlos, que o representava, abandonasse uma doente em perigo de vida, sem outra assistência clínica. Ficou como lhe cumpria, a sossegar a velha ama de seu pai e... a observar-lhe o pulso.

O dever e a bondade venceram o coração."(p. 224).

¹⁹ Cristina e Vicente (*A Morgadinha dos Canaviais*), Tomé e Berta da Póvoa (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*), a própria Jenny de *Uma Família Inglesa*, etc.

²⁰ Tomamos aqui como fonte inspiracional o título "Um pintor nascido poeta", dado à 2ª parte de um conhecido ensaio de David Mourão-Ferreira sobre Cesário Verde (1855-1886).



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A – Primária:

DINIS, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor. Crónica da Aldeia*. Porto: Livraria Civilização-Editora, "Obras Completas de Júlio Dinis", 1990.

---. *Uma Família Inglesa* (Apresentação crítica, notas e sugestões para análise literária de Helena Carvalhão Buescu). Lisboa: Editorial Comunicação, "Textos Literários", nº 43, 1985.

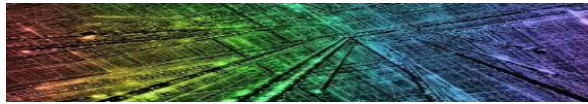
B – Secundária:

ANÓNIMO, "João José Silveira, médico da vila de Ovar inspirou Júlio Dinis". *OvarNews*, 21 Julho 2020. <<https://www.ovarnews.pt/joao-jose-silveira-medico-da-vila-de-ovar-inspirou-julio-dinis>>. Acesso em 24.04.2021.

COELHO, Jacinto do Prado. "O Monólogo Interior em Júlio Dinis" *in A Letra e o Leitor*. 2ª ed. Lisboa: Moraes Editores, "Temas e Problemas", 1977, pp. 125-137 (1969).

CRUZ, Jorge. "Este Cavalheiro era João Semana". *Acta Médica Portuguesa*. Revista Científica da Ordem dos Médicos. 2014 Jan-Fev, 27 (1), pp. 148-150. <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/download/5287/3892>. Acesso em 24.04.2021.

CRUZ, Liberto. *Biografia de Júlio Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

DINIS, Júlio. "A ciência a dar razão aos poetas", in *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Livraria Civilização–Editora, "Obras Completas de Júlio Dinis", 1955, pp. 157-175.

LEPECKI, Maria Lúcia. *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, "Biblioteca Breve", nº 39, 1979.

MARCHON, Maria Livia Diana de Araújo. *A Arte de Contar em Júlio Dinis. Alguns Aspectos da sua Técnica Narrativa*. Coimbra: Livraria Almedina, "Novalmedina", nº 38, 1986.

MONIZ, Egas. *Júlio Dinis e a sua obra*. Com inéditos do romancista e uma carta-prefácio do Prof. Ricardo Jorge). 6ª ed. revista e melhorada pelo autor. Porto: Livraria Civilização, [1946].

SIMÕES, João Gaspar. *Júlio Dinis*. Lisboa: Editora Arcádia, "A Obra e o Homem", nº 12, s.d. (1964).

STERN, Irwin. *Júlio Dinis e o Romance Português (1860-1870)*. Porto: Lello & Irmão, 1972.

C – Vária:

ALARCÃO, Miguel. "Dedicated Followers of Fashion: do toucador de Belinda ao quarto de Carlos" in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, nº 6 (1997), pp. 7-33.
<<http://run.unl.pt/handle/10362/15188>>.

---. "Júlio Dinis anglófilo? Interrogações, perplexidades, desafios" in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Lisboa: Fundação



NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS

MIGUEL ALARCÃO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, nº 25 (2016), pp. 201-228.

---. "Para uma leitura 'miguelista' de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872), de Júlio Dinis (1839-1871)" in *Gaudium Sciendi*. Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: SCUCP, nº 17 (Dezembro de 2019), pp. 77-96.

(www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N17/10_Para%20uma%20leitura%20miguelista.pdf).

---. "Literatura e psicanálise: para uma abordagem do(s) sonho(s) nos romances de Júlio Dinis" in Gabriela Gândara Terenas *et alii* (eds.), *Literatura e Ciência. Diálogos Multidisciplinares II*. Lisboa: Universidade Aberta, col. "Ciência e Cultura", nº 1, 2021, pp. 54-67.

MOURÃO-FERREIRA, David. "Notas sobre Cesário Verde", in *Hospital das Letras*. Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores, 1966, pp. 97-134.

PIRES, Maria Laura Bettencourt e Maria Alexandre Bettencourt Pires (eds.). *As Humanidades e as Ciências. Dois Modos de Ver o Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, "Comunicação e Cultura", 2013.

"Literatura e Medicina". Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2020&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=FL&pv_curso_id=19662>. Acesso em 24.04.2021.